

Lula acusa Collor de apelar para o “baixo nível”

SÃO PAULO — O candidato da Frente Brasil Popular, Luís Inácio Lula da Silva, reagiu ontem à acusação de que o PT prega derramamento de sangue, feita por seu oponente Fernando Collor de Mello (PRN), qualificando esse discurso de “imbecil”, “tacanho” e “rançoso”, entre outros adjetivos. Lula, que visitou portas de fábrica pela manhã e à tarde reuniu-se com os prefeitos petistas de todo o país e com os integrantes do Diretório Nacional do partido, disse que Collor “baixou o nível” da campanha.

“Espero que ele continue agindo desse modo, porque fica fácil enfrentá-lo no segundo turno com esse discurso que mostra sua falta de conteúdo”, afirmou. Para o candidato do PT, “o sangue a ser lembrado nesta campanha eleitoral é o de Chico Mendes, dos padres assassina-dos no campo e de outras vítimas das injustiças sociais”.

Campanha — Antes de fechar-se, durante três horas, numa sala do Hotel Danúbio, centro de São Paulo, com os 11 prefeitos eleitos pelo PT no ano passado, Lula anunciou que colocará sua campanha na rua a partir de segunda-feira, “haja ou não a conclusão do acordo com outros partidos”. Para o reinício da campanha, Lula já programou um encontro com o presidente do Tribunal Superior Eleitoral (TSE), Francisco Rezek, uma reunião com a Frente Nacional de Prefeitos e uma car-reata em Brasília.

Na reunião de ontem, os prefeitos avaliaram o desempenho do PT no primeiro turno nas cidades governadas pelo partido e definiram a estratégia para apoio ao candidato para a eleição de 17 de dezembro. “Vamos adotar a mesma estratégia de não nos licenciarmos do cargo nem usar as máquinas administra-tivas, mas dar todo apoio ao candidato”, disse a prefeita de São Paulo, Luiza Erundina, depois de justificar o quarto lugar alcançado em São Paulo pelo PT no primeiro turno.

“Não recebemos dinheiro do gover-no federal nem do estadual e também créditos do BNDES que estão sendo retidos”, ponderou a prefeita, explicando suas dificuldades administrativas que po-dem ter prejudicado o partido.

O prefeito de São Bernardo do Cam-po, Mauricio Soares, que viu o PT ven-cer em sua cidade, considerou que tam-bém o soterramento da favela Nova República e a exploração do chama-do caso Lubeca (denúncia de corrup-ção na Prefeitura de São Paulo) prejudi-caram o partido no estado.

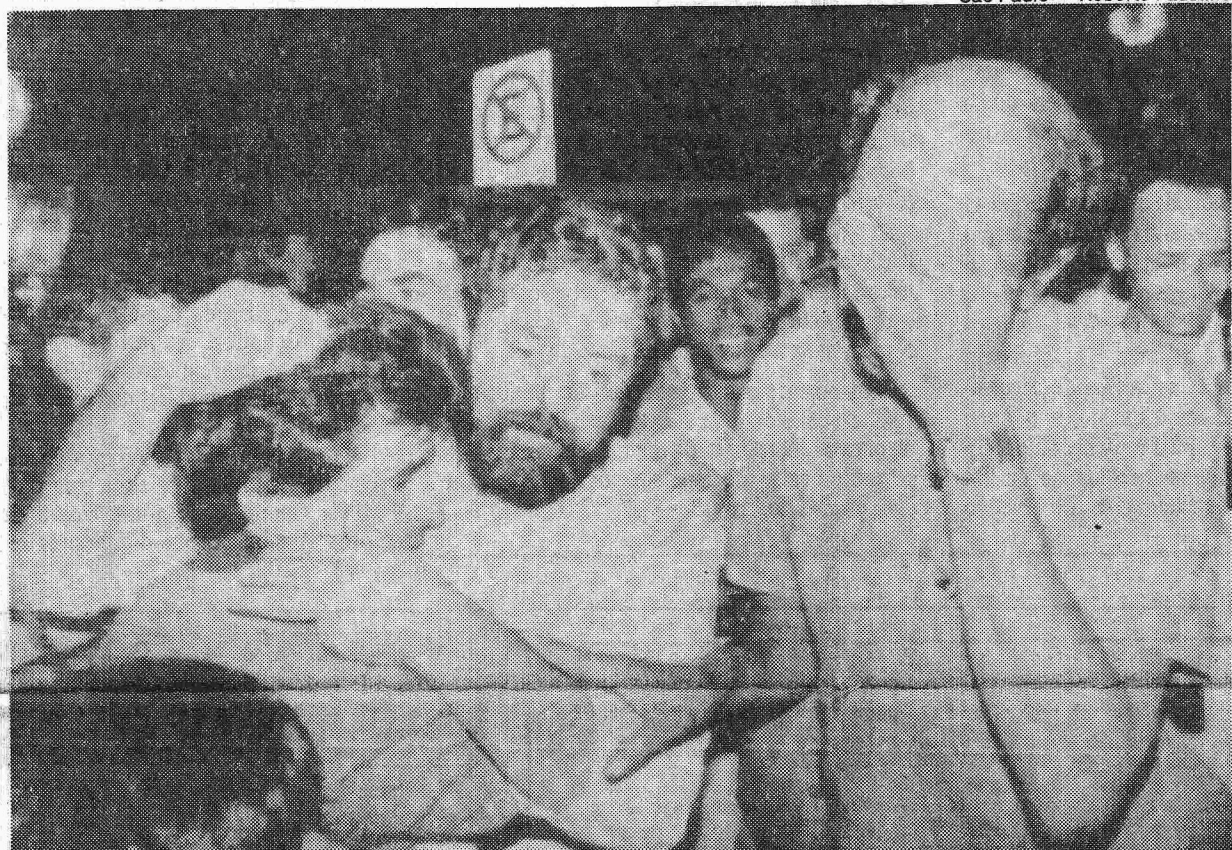
Alianças — Com os prefeitos, Lu-la discutiu também os acordos que o PT vem tentando fechar para a disputa da próxima etapa da eleição e ouviu os relatos sobre as negociações diretas man-tidas entre as bases partidárias. O presi-dente do PT no Rio de Janeiro, Jorge Bittar, que participou da reunião do Di-retório, informou que a Executiva do PDT fluminense já manifestou à direção nacional a disposição de apoiar Lula.

Após o encontro com os prefeitos, Lula deveria reunir-se com os mem-bros do Diretório Nacional do PT, que definem num seminário programado pa-ra terminar hoje os detalhes da cam-panha e o início da reestruturação do parti-do. Uma das questões mais importantes desse encontro é a definição das caracte-rísticas que terá o arco de apoio a Lula.

O candidato do PT defende a forma-ção de uma coalizão, pois acha que é necessário procurar apoio tanto para vencer a eleição quanto para governar. O sociólogo Francisco Weffort tem a mesma posição, mas o secretário-geral, deputado estadual José Dirceu, e o presi-dente do partido, deputado Luís Gushi-ken, entendem que pode se dar um sim-ples acordo de apoios, uma aliança à esquerda ou, se houver entendimento ab-soluto, uma coalizão.

Todos os petistas mostraram-se sa-tisfeitos com os contatos com o PDT, que finalmente resultaram numa reu-nião entre Lula e Brizola, amanhã, no Rio. Mas estão cuidadosos quanto à negociação com o PSDB, cujo ponto de desencontro têm sido as questões eco-nômicas.

São Paulo — Roberto Faustino



Lula reencontra antigos companheiros em comício à entrada da Volkswagen